

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

O auditório como determinante do *ethos* discursivo

The audience as a determinant of the discursive ethos

Edilene Gasparini Fernandes¹

Denilson Luiz Cicote²

RESUMO: Investiga-se, nesse estudo, a possibilidade dos elementos retóricos de persuasão e argumentação presentes no discurso político apresentarem-se como componentes do discurso autoritário. Para isso, o estudo percorre as origens do auditório brasileiro, as raças que o formaram e aventa a possibilidade, dentro da trajetória histórica de sua colonização, de ser o movimento do Romantismo um dos ícones de formação do perfil discursivo político de hoje, no Brasil, ou seja, um perfil interlocutor que lança mão em demasia da retórica permeada de artifícios e, por outro lado, um receptor caracterizado por uma mansidão indígena que nunca perdeu referências. O artigo passa, então, pela análise de alguns trechos de discursos políticos do período pós-golpe militar de 1964 no Brasil para avaliar as mudanças que os pronunciamentos revelaram: de caudilhistas a heróis românticos, os discursos desses oradores demonstram extrema proximidade entre si, ou seja, militares e civis utilizam dos mesmos recursos retóricos, embora pertencentes a regimes diferentes. Ao final, ajudados pela análise aristotélica dos lugares do discurso, o artigo conclui que as características que percebemos presentes nos endereçamentos políticos de hoje foram moldadas há muito tempo, durante o processo de formação de nosso imaginário nacional, de nossos valores como nação e continuam presentes ainda hoje, bem como está presente a mansidão do interlocutor.

Palavras-chave: Persuasão e argumentação; Romantismo; Retórica.

ABSTRACT: This study investigates the possibility of rhetoric elements of persuasion and argumentation contained in the political addresses to be elements of authoritarian speech. In order to show that the study goes back to the origins of Brazilian audience, the people who were part of it and raises the possibility, following the historic way of its colonization, for the Romantic movement to be one of the icons in building up the political speech profile we see today in Brazil, that is, a speaker profile that uses much artificial rhetoric and a receptor profile which is characterized by its native goodness that never lost its references. The paper analyzes some excerpts from military political addresses after the 1964 Military Coup in Brazil in order to evaluate the changes the addresses have revealed: from caudillists to Romantic heroes, these orator's addresses show extreme proximity among themselves, that is to say that military and civil speakers have used the same rhetorical resources, although they belonged to different regimes. At the end, with the help of the aristhotelic analysis of the *topoi*, the paper concludes that the characteristics we observe in political addresses nowadays have been

¹ Doutora em Teoria da Literatura pelo Ibilce/ UNESP de São José do Rio Preto/SP. Docente Fatec Rio Preto. Membro do GPARA (Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica Aplicadas – Universidade Federal de Sergipe) (edilene@fatecriopreto.edu.br)

² Licenciado em Letras pela FAECA Dom Bosco, de Monte Aprazível/SP e professor de língua inglesa na rede estadual de ensino. (decicote@hotmail.com)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

molded a long time ago, during the breeding process of our national imagery, of our values as a nation and are still present nowadays, as well as it is the meekness of the callers.

Keywords: Persuasion and argumentation; Romanticism; Rhetoric.

Introdução

As ações retóricas, construídas dentro de um momento particular, influenciam e são influenciadas pelos movimentos históricos, políticos e sociais. Portanto, é impossível passar ao largo de certos assuntos que norteiam a retórica ao abordá-la como *instrumentum* de análise. A arte da retórica se encontra também no despertar dos sentimentos de seu auditório, em conseguir criar, ampliar e usá-los para suas demandas políticas. Retórica é, portanto, uma rua de mão dupla, pois o orador sempre se dirige ao público e dele recebe seu retorno vital.

O que nos motiva sobre o tema é a possibilidade da presença de elementos da retórica autoritária e populista dos atuais governantes brasileiros, representados em vários momentos do discurso de Lula. Nossa idéia é de verificar como o orador se serve de mecanismos retóricos discursivos que pouco se relacionam com a expressão dos preceitos democráticos ao compor, consciente ou inconscientemente, a dobra discursiva que remete a posicionamentos reveladores de padrões autoritários estudados por Adorno, Freud, Horkheimer e Carone, baseados em “cálculos psicológicos, mais que na intenção de conseguir seguidores por meio da expressão racional de objetivos racionais” (ADORNO, 1948, p.1).

Em outras palavras, existe um trabalho de procura das emoções latentes do *ethos* presente na população que ouve os discursos. Tal trabalho, pensamos, é meticulosamente pesquisado. Existe um cálculo escondido no que aparenta espontaneidade e conexão.

Um breve estudo do auditório: origens e atualidade

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Para entendermos o auditório, temos de compreender a singularidade de nosso povo e como as formas de colonização têm influência determinante na formação do caráter nacional.

O colonizador português demorou a se estabelecer nas terras recém-descobertas e somente vinha ao Brasil, durante os primeiros séculos, em busca da prática do escambo e do sexo desbragado com os nativos. País tardiamente incorporado à Europa, Portugal, conhecido pelos estudiosos como povo de mentalidade diferente do resto do continente, mais propensos ao individualismo, ávidos de saber e gozo, onde “cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço e suas virtudes” (HOLANDA, 2003, 32), os portugueses têm a diferença caracterizada como: “Um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo contemporizador. Nem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis” (FREIRE, 2004, 265).

Do descobrimento até a vinda da família real, não houve, praticamente, nada que se pudesse nomear como ação desenvolvimentista para o Brasil. Com o deslocamento do centro de poder, o país pode alavancar como nação e foram construídas as primeiras Universidades, fundado o Banco do Brasil e instituída uma legislação que, pela primeira vez, não houvesse sido construída de fora. De capital importância para a unidade territorial e administrativa, os processos desencadeados foram tão fortes que, mesmo após a volta de Portugal, as condições materiais para a independência econômica e intelectual do Brasil como Nação moderna e autônoma já estavam dadas e, assim, logo foi proclamada sua independência política e administrativa.

Até a proclamação da República, o país passou por momentos conturbados como a Guerra do Paraguai e o movimento abolicionista, e foi durante estes momentos decisivos que se estabeleceu, no país, o movimento que marcaria definitivamente o nosso caráter: o Romantismo. Ele cristalizaria as contradições existentes desde o longínquo 22 de abril de 1500.

O rompimento com os colonizadores foi um marco na busca de nossa nacionalidade, que há muito sentia a necessidade de uma cultura genuinamente brasileira, com expressões,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

gestos, opiniões e gostos próprios, aparentemente livres dos traços da cultura europeia. É como se a nação buscasse uma redescoberta e que ela fosse tão ou mais importante que a primeira. Essa necessidade de um povo buscar uma nova invenção das tradições é assim exposta pelo filósofo Eric Hobsbawm (1984, 12):

Não nos cabe analisar aqui até que ponto as novas tradições podem lançar mão de velhos elementos, até que ponto elas podem ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou ampliar o velho vocabulário simbólico. Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo – sem antecessores tornaram necessária a invenção de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (boadicéia, Vercingetorix, arminio, o Querusco.) ou pela invenção (ossian, manuscritos medievais tchecos). Também é óbvio que símbolos e acessórios inteiramente novos foram criados como parte de movimentos e estados nacionais...

Assim, o país estava pronto para a força com que o Romantismo atingiu nossa mentalidade e nossa alma. O Arcadismo, movimento anterior, já possuía traços fortes e consistentes de um pré-romantismo. Autores considerados de transição como Antonio Pereira Caldas (1762-1814) com seu manuscrito *Carta dirigida ao meu amigo João de Deus Pires Ferreira, em que lhe descrevo a minha viagem por mar até Genova* (1790), onde satiriza a herança clássica e louva os ideais da Revolução Francesa, o Frei Francisco de São Carlos (1763-1829) e sua mistura de religiosidade e patriotismo, tão caros aos românticos e, finalmente, Domingos de Borges de Barros (1779-1855) e seu poema *A flor saudade*, que, segundo Antonio Candido, marcou um início e “ao mesmo tempo a posição extrema do Arcadismo”. Essas são mostras de que a alma nacional já reclamava para si a autonomia, no mínimo, literária.

Publicado no primeiro número da revista Niterói, o que é considerado o manifesto do Romantismo no Brasil, em 1836, no denominado *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil* (MAGALHÃES, *apud* CANDIDO, 2007, p.331), o escritor Domingos José Gonçalves de Magalhães argumentava sobre a excessiva influência dos deuses do paganismo invadindo nossos céus, florestas e rios: “a poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma grega,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

vestida à francesa e à portuguesa...” (BANDEIRA, 1969, p.296). Magalhães considerava esse apego como um erro e pedia uma literatura que não falasse da mitologia e perguntava:

Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas e ter uma poesia própria? Os seus indígenas cultivaram porventura a poesia? Tão geralmente conhecida é hoje essa verdade, que a disposição e carácter de um país, grande influência exerce sobre o físico e moral dos seus habitantes, que a damos como um princípio, e cremos inútil insistir em demonstrá-lo com argumentos e fatos por tantos naturalistas e filósofos apresentados (CANDIDO, 2007, p.331).

Contribuíram também para o arrebatamento romântico os inúmeros elementos que estavam presentes na gênese dos três povos que seriam nossos “patriarcas”, ou seja, o índio, o português e o negro: a melancolia, o pessimismo, o morrer de amores, o individualismo, o sentimento de perda irre recuperável. No caso do negro, a dor se deu pela perda da liberdade e das raízes; com o índio, a perda de seu meio, seu modo de vida comunitário e de sua cosmovisão confrontada com o colonizador. A tristeza do português advinha da perda de seu mundo pela peste e da intolerância inquisitorial, das quais teve que fugir. Ele se sentia um desterrado em terras que nada lembravam suas possessões nas Índias.

Uma das maiores sequelas da febre romântica permaneceu entre nós até os dias de hoje, incubada principalmente na mente de nossa intelectualidade e de nossa “elite dirigente”: o amor pelas palavras, pelos grandes discursos, pela retórica permeada de artifícios, pela vontade de subjugar, pelo convencimento e ser admirado por isso.

Nossa idéia é considerada por muitos que estudaram a formação do carácter brasileiro, como Sergio Buarque de Holanda: “todo o pensamento dessa época revela a mesma fragilidade, a mesma inconsistência íntima, a mesma indiferença, no fundo, ao conjunto social” (2003, p. 162); ou Junqueira Freire, citado também por Buarque: “Era uma nova linguagem para dizer a mesma coisa. Nada de verdadeiro, tudo belo, mais arte que ciência; mais cúpula que alicerce” (2002, 163, *apud* HOLANDA). Também Prado (1997, 125) comenta sobre nossa política: “[...] domina no País o mesmo liberalismo palavroso da nossa origem romântica, desde a constituição Imperial [...]”.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Os excessos do romantismo ecoam até os dias de hoje e a farta literatura sobre o tema inclui Silvio Romero, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Bernardo Ricúpero, Antonio Candido, apenas para citar alguns nomes. A eterna reelaboração de nossas raízes e a procura pelo o que nos faz o que somos acaba por mostrar a importância desse movimento como uma das matrizes de nossa nacionalidade e confere, assim, ao Romantismo, um lugar privilegiado em nosso *ethos*, expondo a dualidade que marcará para sempre o brasileiro; éramos Estado antes de ser Nação, adentramos a modernidade e a independência com um Estado herdado por completo do antigo regime, forjamos o Estado Republicano onde sempre prevaleceu o seu contrário, o “cordialismo”, e dentro dos mais rígidos preceitos religiosos e, por baixo de nossa mansidão e quietude, criamos os excessos “carnavalescos” como maneira de contrapor toda “mansidão nativa”, que, na verdade, corre em nossas veias. O antropólogo DaMatta (1984, 80) exemplifica essa ideia:

Num livro que escrevi – Carnavais, malandros e heróis –, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema) Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada – mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, é a vida.

Saltando para um longo período à frente da história brasileira, reportamo-nos a um período em que o uso discursivo da persuasão se fez notar mais vivo entre nós: o período do governo militarista, de 1964 a 1989. Se durante esse período nós observamos uma quase inexistência dessa “mansidão” ou dessa maciez discursiva, a partir de Collor, com a entrada

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

do período democrático e as eleições diretas, a situação passa a se delinear a favor da presença de um senso caudilhista nos endereçamentos presidenciais.

Sintomaticamente, a disputa que levou Collor ao poder foi travada contra outro líder de retórica populista, ainda que ideologicamente dissesse representar a antítese: Lula. A disputa se deu no coração, pelos apelos ao *pathos* da população, e não na mente do brasileiro. E, após décadas de aridez discursiva, o brasileiro voltava, enfim, a enxergar em seus líderes o herói solitário do Romantismo, com sua aura mística, tal qual o Conselheiro redivivo, o líder que faria da sua vontade o motor das mudanças.

A decepção pelo afastamento de Collor, envolvido em esquemas de corrupção, pareceu impor um freio a essa forma de discurso emocional, da busca pelo líder carismático que era movido por forças que nem mesmo ele entendia. A sequência de governos, Itamar e dois mandatos de seu ministro da economia, o sociólogo de retórica “macia”, Fernando Henrique Cardoso, parecia dar crédito a essa idéia. Porém, 10 anos depois, a alma brasileira escolheria de novo líder, movido, mais uma vez, pelo apelo do *pathos*, pela emoção, e elegeu Lula presidente. É sobre a retórica discursiva em seus endereçamentos que iremos discutir.

Nas análises dos discursos sempre há barreiras práticas, principalmente quando nós nos propomos a estudar um conjunto de discursos recentes de um mesmo orador que ocupou determinado cargo por um longo tempo. Devemos sempre lembrar que o discurso, principalmente o político, não é um acontecimento único e isolado no tempo. Em termos comparativos, ele se opõe aos discursos que o precederam ou que ainda surgirão, existindo em função da concordância ou em oposição, construindo um diálogo, um posicionamento intertextual que os aproxima da literatura, e nos faz crer momentaneamente no diálogo milenar e silencioso que aproxima pessoas e ideias separadas por longos períodos de tempo.

É preciso sempre ter isso em mente ao analisar a base de dados de estudos como esse a que nos propomos. A procura de uma base de dados criteriosa esconde, no entanto, uma armadilha, pois quem fala tanto é uma pessoa quanto uma instituição. Em situações

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

prolongadas de mando, a linha tênue que separa um e outro tende a desaparecer, ou tornar-se menos óbvia, e isso remete a uma grave questão: quem fala quando o poder fala? É possível separar a instituição e o orador? Ao responder estas questões, podemos desvelar a existência ou não de mecanismos retóricos encontrados em discursos autoritários?

O Ex-Presidente Lula, em um de seus discursos, afirma “que possui uma fábrica de discursos”. Ao analisar fragmentos discursivos nos deparamos, como em qualquer análise de um político em cumprimento do mandato, com uma constante: o discurso é a expressão do político investido de toda liturgia e simbologia do cargo que ocupa. Sua produção deveria, portanto, obedecer às regras que caracterizam tal fato. Em todos os discursos analisados, somente foram levados em conta os discursos que possuíam essa constante: serem considerados pronunciamentos oficiais do Presidente da República em exercício. Mesmo discursos mais agressivos, executados durante o mandato, foram excluídos de nossa análise por não fazerem parte deste critério. Para assegurar maior fidelidade, optou-se por usarmos somente os discursos que constituem os pronunciamentos oficiais que constam na biblioteca da Presidência da República: (<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/biblioteca>).

Deste corpo foram analisados e encontrados, em quase toda produção textual, as mesmas construções, mudando, muitas vezes, apenas a posição do texto em função do assunto ou público. Portanto, a primeira percepção que podemos averiguar concretamente é que os discursos traziam poucas novidades, repetiam-se constantemente, não somente os dados a respeito de conquistas do governo, mas principalmente os temas da origem humilde e sua identidade com o povo brasileiro, com a pobreza e com o sofrimento e sua luta representando o bem. Nesse contexto, as forças que lhe faziam oposição eram consideradas como o seu oposto, suas rivais.

Vamos encontrar, em momentos tão distantes, a construção da infalibilidade do líder político. Este conceito procura estimular para o auditório a crença da impossibilidade de erros. Portanto, aconteça o que acontecer, tudo se explica perfeitamente por seu intermédio.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Eu me levanto todo dia, pela manhã, e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas. Porque qualquer governo, em qualquer país do mundo, pode errar e não acontecerá nada, porque é muito normal que os governantes errem. Mas eu não posso errar. E não posso errar porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002 (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003).

Então, eu quero dizer para vocês: um presidente da República que tem o carinho que vocês me deram nesses oito anos, não tinha o direito de errar. E o que me movia a não errar era a certeza de que Deus não dá duas oportunidades para quem não quer aproveitar as oportunidades. Eu dizia sempre, na minha cabeça: se eu errar, se eu não fizer as coisas certas, nunca mais um trabalhador vai poder chegar à Presidência da República. Eu tinha isso certo, na minha cabeça (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 1º de abril de 2010).

O tecido do discurso em Lula

A *inventio*, ou a criação discursiva, de Lula, obedece a uma lógica mais personalizada. Nunca é somente a voz do governo que fala, mas a voz do governo mesclada à voz dos pobres e excluídos, verbalizada pelo seu representante no poder. São construções que, apesar de possuir léxico repleto de expressões do que se chamaria de expressões da “esquerda”, repetem um discurso conservador que foi utilizado em outros regimes – o tema do governo como figura familiar ou a personalização:

Eu digo sempre o seguinte: governar é fazer o papel de mãe. Na verdade, a gente não governa, Nelson. Deve ter sido um intelectual que bolou essa palavra “governar” porque, na verdade, o que nós fazemos é cuidar do nosso povo, a palavra correta é “cuidar”, é cuidar do povo (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do projeto de urbanização de favelas nas bacias dos córregos Cabaças e Segredo; assinatura do contrato de financiamento do programa Pró-Transporte e assinatura de ordem de início das obras do contorno rodoviário de Campo Grande -MS, 24 de agosto de 2010).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

A lógica deste tipo de discurso é a lógica do poder e tem fortes componentes autoritários, e também construções discursivas – “Nunca antes neste país” ou “durante 500 anos não fizeram nada para o povo” são expressões que remetem à construção do mito fundador em sua gênese, ou ao que Hobsbawm (1984) chamou de a invenção das tradições.

Sendo o mito, inicialmente, narrativa, os discursos presidenciais que contam como um homem pobre, porém predestinado, enfrentou a morte e o sofrimento e, a exemplo dos heróis mitológicos, partiu em uma jornada, onde lhe foi dado um saber, depois transformado em poder para enfrentar inimigos poderosos, tecem, à sua maneira e por analogia, uma teia de significação quase sagrada. A este homem (o orador) foi dado o poder de salvar seu povo das trevas, dos tempos imemoriais (os 500 anos). E este é apenas um resumo da narrativa contida nos discursos presidenciais.

Quando dizemos que esses discursos funcionam no mesmo registro dos mitos é porque possuem elementos desta narrativa que servem para justificar, esclarecer e entender a realidade, resolvendo imaginariamente tensões, conflitos e contradições que, segundo Chauí (2002), “não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”.

Como “invenção das tradições”, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN & RANGER, 1984, 10).

Os articulistas de discurso do governo não usam simplesmente o discurso para personalizar o institucional, mas o inverso: o institucional está representando o pessoal. Como todo discurso tem a marca pessoal, pelo menos idealmente, de seu orador, percebemos a sobreposição do pessoal sob o institucional:

Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial. Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

E esse Programa vai em frente e vai dar certo porque, se não der certo, se por algum motivo a gente fraquejar e achar que ele não vale, eles nos derrotarão (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Conselho Nacional de Segurança Alimentar, Palácio do Planalto, 25 de março de 2003).

E foi muito engraçado, eu ver na televisão, a quantidade de discursos pedindo aumento para o salário mínimo, pessoas que passaram 8 anos evitando que ele aumentasse. Então, é nessas horas – eu até vi o Aloízio Mercadante calmo – é nessas horas que a gente tem que estar calmo mesmo. E sabe o que acontece? O povo é mais inteligente, o povo é mais politizado e o povo percebe quando uma coisa é real ou quando não é real. E o povo tem clareza. Se tem alguém, neste país, que pode recuperar o poder aquisitivo do salário mínimo, é quem vos fala (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião de apresentação dos resultados do Governo Brasília-DF, 05 de julho de 2004).

E cá estamos nós, os mortais do Terceiro Mundo, dos países emergentes, tendo, de um lado, uma pequena minoria de políticos torcendo para dar tudo errado. Requião, Aécio, que estou vendo aqui agora, Ana Júlia, vocês não sabem como tem gente torcendo para dar errado. Há gente que pede a Deus todos os dias para a crise chegar logo ao Brasil, “porque não é possível que esse Lula fique incólume nessa crise” (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil, promovida pela revista Carta Capital São Paulo-SP, 20 de outubro de 2008).

Os articuladores do discurso presidencial também se preocuparam em estabelecer uma dinâmica discursiva que lembra a de campanha eleitoral. É dado que a campanha eleitoral leva sempre o discurso a uma radicalização, não especificamente ideológica, mas discursiva: um discurso em oposição a outro - “eu quero isso e eles querem aquilo” - funcionando em um registro mais simplista. Neste ponto, talvez seja oportuno lembrar que, ao radicalizar discursos que são a voz institucional, cria-se um clima em que a continuidade da campanha eleitoral se sobrepõe, porque ela nunca termina, e cria uma dinâmica social em que a mobilização permanente contra o Eles se torna um imperativo institucional.

Nos regimes ditatoriais, o expediente da mobilização permanente funciona com os mesmos registros: proteger o sistema, a família, a sociedade ou o líder das agressões e injustiças de um inimigo insidioso. Palavras de ordem como “Brasil, ame-o ou deixe-o” já ocupam esse tipo de lugar do discurso.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Em regimes democráticos, cuja constituição das instituições, ainda não se encontra fortalecida, a articulação *ethos-pathos-logos* possibilita uma interação mais próxima. O *ethos* e o *pathos* fazem um intercâmbio frequente, pois um é a projeção do outro e o *logos* se forma a partir do pressuposto de que, no auditório, suas paixões são mais interessantes e manipuláveis que sua razão.

Encontrar as questões que fazem parte do registro emocional do auditório é conseguir tirar proveito retórico de seus valores e perceber como suas paixões (o que ele odeia, o que ele ama, as coisas que despreza e o porquê algo o indigna) o fazem agir como grupo e seguir os mesmos anseios.

O *logos* discursivo apresenta, assim, as perguntas e as respostas e surge, então, a necessidade da elocução ser o mais distante possível do que seriam chamados os discursos formais. Os lugares-*topoi* respondem de antemão a todos os questionamentos, mesmo os que nunca haviam sido feitos até então.

Para que se mantenha de pé adequadamente todo o edifício retórico constituído desta forma e com estes materiais, há necessidade de se fazer constituir de um acabamento que o identifique, mas que encanta e, ainda, encobre os seus defeitos internos: elocução forte, emocionalmente marcada.

Observando os trechos de discurso que selecionamos, percebemos mais que uma coincidência. Percebemos também a dobra da elocução, da forma de apresentar as idéias, das frases longas:

Pensemos na retórica de Hitler. Em termos de conteúdo, de argumentos, ela é débil. Seu sucesso deve-se, por um lado não desprezível, a uma oralidade bem particular: sabe-se que marcar as frases subindo de patamar, até a vociferação, permite martelar o auditório, dando a ele o sentimento de “alçar vôo” com o discurso. A língua alemã, em que as frases são muito longas, presta-se muitíssimo bem a esta marcação, e carregar nos traços desta maneira aumenta o caráter persuasivo do discurso (MEYER, 2007, 49).

Neste momento cremos ser de suma importância abordarmos como a dobra discursiva opera para tornar os discursos algo já posto anteriormente, não importando a filiação

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

ideológica. E aqui nos apoiaremos em Orlandi (2005, p.32), que afirma que há algo mais forte que vem pela história, pela memória e pelas:

filiações de sentido constituídos em outros dizeres, em muitas vozes, no jogo da língua que vai-se historizando aqui e ali, indiferentemente, mas marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder – traz em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos, apesar de suas vontades.

Apesar do nosso “esquecimento”, nosso dizer é propriedade significativa da história e da língua. Em outros tempos, outros já disseram “as nossas palavras”. Deste ponto de vista, perguntar ao orador o que ele disse quando disse determinada coisa não é suficiente, nem a ele nem a nós, para compreender, em sua totalidade, que efeitos de sentidos estão ali presentificados, pois somente o conhecimento das relações remete a uma memória que faz possível a identificação em sua historicidade e significância, seus compromissos políticos e ideológicos. O interdiscurso, ou dobra discursiva, “é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, 33).

Isso impõe que palavras, para terem sentido, é necessário que, antes, já façam sentido, ou seja, que façam parte do contexto da fala em outros discursos e experiências anteriores. Sem termos a consciência do jogo de filiações nós participamos do que Pêcheux (apud ORLANDI, 2005, p.35) chama de esquecimento ideológico, o qual nos faz ter a ilusão de sermos a fonte única do que dizemos. Como a língua, os discursos e as ideologias são coisas dadas quando entramos neste processo.

As duas construções discursivas apresentadas aqui são momentos diferentes, com quase 8 anos de distância uma da outra: uma, no primeiro ano de mandato, e a outra, no último. São, portanto, momentos bastante distantes, um do outro. Em ambos os casos, o tom é confessional. O uso da primeira pessoa denota isso, a proximidade procurada, a intimidade e a afirmação do “eu”, denota subjetividade. Mas o primeiro trecho pertence ao início do primeiro mandato e funciona como uma profecia ou profissão de fé. O segundo opera em outro registro; parece ser a confirmação, a conclusão de que não houve erros.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

A “fábrica de discursos” procurou estabelecer uma linha contínua entre o primeiro e o segundo momento do orador. Temos, também, a impressão de que os articulistas de discursos procuraram estabelecer algo como uma dobra, onde o orador é “único em sua originalidade discursiva”. Assim, ele citaria a si mesmo, seria a própria fonte do discurso que funciona como um sistema circular, uma tese dedutiva, onde a resposta já se encontrava no início.

Os tempos verbais trazem a confirmação do fechamento; o uso em todo o primeiro trecho do discurso abaixo reproduzido remete ao presente.

Eu me levanto todo dia, pela manhã, **e falo** para a Marisa que nós **temos que fazer** as coisas muito bem pensadas. Porque qualquer governo, em qualquer país do mundo, **pode errar e não acontecerá nada**, porque **é muito normal** que os governantes errem. **Mas eu não posso errar. E não posso errar** porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002 (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003).

Já no segundo momento, quase 8 anos depois, a construção verbal usa o pretérito imperfeito, quando o orador enuncia fatos ocorridos, transportado o ouvinte, mentalmente, para o momento da ocorrência, descrevendo os fatos da forma como iam prosseguindo:

Então, eu quero dizer para vocês: um presidente da República que tem o carinho que vocês me deram nesses oito anos, **não tinha o direito de errar**. E o **que me movia a não errar** era a certeza de que Deus não dá duas oportunidades para quem não quer aproveitar as oportunidades. **Eu dizia sempre**, na minha cabeça: se eu errar, se eu não fizer as coisas certas, nunca mais um trabalhador vai poder chegar à Presidência da República. **Eu tinha isso certo, na minha cabeça** (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 1º de abril de 2010).

Também o jogo de oposições esteve presente nestes trechos:

Sou um trabalhador	Outros governantes não são
Logo, não posso errar.	Logo, outros podem errar.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Senão, jamais um trabalhador voltará ao poder.	Porque certamente voltarão ao poder
--	-------------------------------------

Arendt (*apud* BIGNOTTO, 2011, 39) expõe a ideia de não poder existir espaço para o erro no discurso totalitário, pois essa possibilidade simplesmente não faz parte do ideário: “Dai que não pode existir espaço para contestações, da mesma maneira que um líder não pode errar nunca, pois isso corresponderia a admitir que a ideia de mundo apresentada não é a única e pode estar simplesmente errada”.

Essa é a síntese do discurso messiânico: recebimento de um chamado divino para uma missão que beneficiará a todos, tanto que o orador afirma que o que o movia “...era a certeza de que Deus não dá duas oportunidades para quem não quer aproveitar as oportunidades”. Aqui, reforça-se a ideia de predestinação de um homem comum na pessoa do presidente. Outro artifício muito estudado por Adorno e a escola de Frankfurt foi o tema do lobo solitário, melhor explicitado no primeiro trecho:

[...] **E não posso errar** porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. **Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos** (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003)

“Em primeiríssimo lugar há o ardid do lobo solitário, tomado do arsenal de Hitler, que sempre o usou para se vangloriar dos sete solitários e heroicos companheiros de partido que começaram o movimento e do fato de que os outros controlavam a imprensa e o rádio - que esses possuíam tudo, e ele nada. Thomas modifica-o ligeiramente ao insistir de maneira muito específica que ele não tem o dinheiro dos políticos por trás. Inumeráveis vezes, ele usa variações da proposição : **"Eu não tenho patrocinadores, e nenhum político jamais pôs um dólar neste movimento"**. Thomas o faz por trabalhar com a desconfiança americana no político profissional, a quem se acusa de auferir lucros privados explorando os negócios públicos. O raciocínio é o seguinte: se ele ataca com tamanha violência a rapina, muito poucos acreditarão ser ele um saqueador (ADORNO, 1951, p. 02).

Nesta construção, fica visível o cálculo profundo usado a favor do orador que atenua o medo universal da manipulação, a qual já se fazia presente em 1943, no medo da centralização e monopolização das pessoas pelos canais de comunicação. Esse medo expresso

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

por Adorno torna-se bem mais palpável nos dias atuais. A ideia de que estes grandes monopólios não estão por trás, que nenhum dinheiro sujo domina o orador, faz com que pareça mais espontâneo e sincero: “sob as condições sociais presentes, as pessoas não apenas temem a manipulação, mas também e de modo contraditório, a desejam, pela liderança daqueles que supõem serem fortes e capazes de protegê-las” (ID,IBID., 15).

Hoje eu vi uma matéria em um grande jornal de São Paulo, que me encheu de orgulho. Eu não sei se queria fazer crítica ou queria apenas constatar, mas a matéria, Eduardo, é que nós levamos publicidade para mais de 8 mil veículos de comunicação, quando antigamente se contentavam em distribuir entre meia dúzia que se auto intitulava a imprensa nacional. E o jornalzinho de Taboão, de Jaboaão, o jornalzinho de Garanhuns, o jornalzinho de Campina Grande, o jornalzinho de Recife, o jornalzinho do Cabo não valiam nada, o de Suape não valia nada. Quando nós, então, resolvemos socializar o dinheiro do governo, levando condições para que a rádio menor do interior pudesse receber dez centavos daquilo que as rádios nacionais recebiam tudo antes de eu chegar no governo (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento da pedra fundamental da fábrica da Fiat Área industrial do Complexo de Suape – Ipojuca-PE, 28 de dezembro de 2010).

Primeiro, estou em crise, porque venho à premiação promovida por uma revista e o dono da revista esculhamba com todo mundo. Certamente, a Miriam Leitão não vai dar notícia deste ato, muito menos o editorial do Estadão, muito menos o Jornal Nacional, muito menos outros jornais que você criticou. Não vou nem falar de revistas para não ter antagonismo. É a antipublicidade (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil, promovida pela revista Carta Capital São Paulo-SP, 20 de outubro de 2008).

A construção sobre “não poder errar” também se encontra em outros discursos ao longo dos 8 anos de mandato, e isso destaca uma outra faceta que já foi abordada: a repetição, o martelar contínuo das mesmas idéias.

Pois bem, eu também tinha clareza de que a minha chegada à Presidência da República tinha que mudar o patamar de governança neste país. Ou seja, nenhum presidente da República teve que provar qualquer coisa neste país, e eu sabia que eu tinha que provar, a cada dia, como eu sabia que eu tinha que respirar, de que alguém saído do meio do povo mais humilde deste país teria condições de governar igual ou melhor do que todos os doutores que passaram pela Presidência da República deste país, eu precisava provar (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Silva, durante cerimônia de lançamento da pedra fundamental da fábrica da Fiat. Área industrial do Complexo de Suape – Ipojuca-PE, 28 de dezembro de 2010).

Mas, aqui, em um dos últimos discursos de seu mandato, o termo “errar” foi substituído pela palavra “provar”. O erro já não estava mais em questão. O uso do tempo verbal como rememoração identifica que ele tinha de provar e provou.

Adorno e Max Horkheimer (1951), em seus estudos sobre Freud e seu famoso ensaio sobre “Psicologia das massas e análise do Eu”(1921), perceberam o padrão repetitivo da propaganda totalitária e seu método sistemático de seguir o mesmo padrão rigidamente estabelecido de “dispositivos definidos”. Basta conhecer uma pequena parte e a similaridade das expressões para que se esteja familiarizado com a maioria dos discursos, o que demonstra a rigidez mecânica da mentalidade totalitária e reflete tanto a essência da concepção política quanto a essência psicológica dos mesmos. A forte influência desta forma de discursar está relacionada de maneira bem próxima à aflição psicológica caracterizada pelo sentimento de declínio do indivíduo nas relações socioeconômicas e sua subsequente fraqueza, segundo eles.

Outra construção retórica é a do “inocente perseguido”, um mecanismo que converte o agressor em vítima ameaçada e as vítimas em agressores neles “projetando o que deles se imagina” (CARONE, 2002, 202).

E esse Programa vai em frente e vai dar certo porque, se não der certo, se por algum motivo a gente fraquejar e achar que ele não vale, eles nos derrotarão (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Conselho Nacional de Segurança Alimentar Palácio do Planalto, 25 de março de 2003).

Nós sabemos que ainda estamos longe de construir o Brasil dos sonhos de cada um de nós. Mas eu não tenho nenhuma dúvida de que nós estamos no caminho certo. Não faltarão aqueles que irão jogar casca de banana para tentar atrapalhar a nossa chegada ao objetivo comum, que é fazer o Brasil crescer, gerar empregos, distribuir renda, e melhorar a qualidade de vida do nosso povo (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com lideranças políticas - Palácio do Planalto, 05 de agosto de 2003).

E cá estamos nós, os mortais do Terceiro Mundo, dos países emergentes, tendo, de um lado, uma pequena minoria de políticos torcendo para dar tudo errado. Requião, Aécio, que estou vendo aqui agora, Ana Júlia, vocês não sabem como tem gente

TABULEIRO DE LETRAS

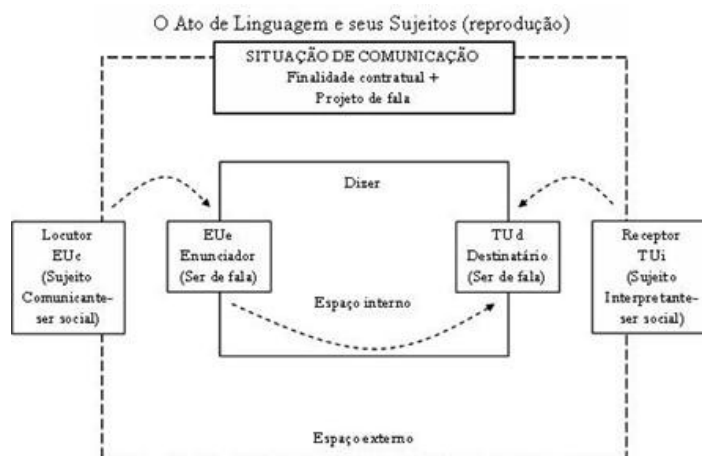
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

torcendo para dar errado. Há gente que pede a Deus todos os dias para a crise chegar logo ao Brasil, “porque não é possível que esse Lula fique incólume nessa crise” (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil, promovida pela revista Carta Capital São Paulo-SP, 20 de outubro de 2008).

... Porque nós somos induzidos desde pequenos, quando a gente vem lá de baixo, que a gente é inferior, nós somos induzidos. Nós somos induzidos pelos livros, nós somos induzidos pelos meios de comunicação, nós somos induzidos pela atividade cultural que nós somos os da senzala e que quem manda são os da casa grande. E nós queremos provar que os da senzala podem tanto quanto aqueles que moram na casa grande. (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento da pedra fundamental da fábrica da Fiat Área industrial do Complexo de Suape – Ipojuca-PE, 28 de dezembro de 2010).

Os trechos de discursos acima mostram uma disposição ao antagonismo, porém, neles, o adversário não é nomeado, mas caracterizado pelo uso do pronome “eles”. Quando o “Eu” empírico passa a ser o “eu” enunciador há um projeto de fala definido que se desdobra em um projeto de influência sobre o interlocutor (Tu) e um Tu interpretante (Tu i.) possuidor, igualmente, de uma identidade psicossocial e intencionalidade próprias que, pela identificação com o auditório, transforma-se em “tu” para cada ouvinte e em “nós” para o conjunto de pessoas ou o auditório ao qual se quer fazer identificar. Isso está melhor exemplificado no diagrama abaixo, de Charadeau (1992, p.6):



TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

No discurso pensado e pesado psicologicamente para atingir mecanismos inconscientes do auditório, o enunciador aparece como uma lousa em branco, pronta para ser preenchida. É a sua retórica que vai fornecer as imagens, a tesoura e a cola com que o auditório fará sua “colagem” em tela. Também não podemos pensar somente o auditório que o orador procura influenciar como os que estão concretamente ocupando seus lugares.

Há funções que autorizam – e só elas – a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios, há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulamentados. Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN e TYTECA, 1996, p.21).

As mídias atuais permitem que possa haver um acompanhamento bem maior no momento em que o discurso é enunciado e a lógica permite supor que os articuladores do discurso levem este dado em consideração para a interação enunciador/auditório. Para Meyer (2007, p.99), o homem público, o político, ao se tornar enunciador, pretende fazer com que acreditem que há ações reais em curso, forças em movimento que não apenas a sua palavra. Porém, na realidade, ele não consegue responder a todos os problemas e, por isso, muitas vezes lança mão de técnicas retóricas que deslocam a questão, tentando tornar as respostas gerais e fluidas e, através do enunciado, evidentes.

Ainda segundo Mayer, estas estratégias são típicas da lógica das ideologias, pois seus axiomas básicos devem necessariamente responder a duas ideias simples: a que sua ideologia tem resposta para tudo, e que nada pode colocá-las em cheque, seja qual for a pergunta feita. Agindo assim, há a identificação entre o *ethos* e o *pathos* e cria-se o que Adorno (1951, p.14) chamou de *in-group* e o *out-group*.

Essa estratégia tem dois propósitos destacados por Adorno: permite que as “ameaças” sejam encaradas como ameaças a todos do grupo (*in-group*) e racionalize a agressividade do discurso, convertendo o ataque em autodefesa, estratégia usada em política, segundo Iray Carone (2002, p. 201), e tornada célebre por Júlio César, ao atacar os gauleses, dizendo que

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

temia ser atacado por eles. O algoritmo narrativo pretende transmitir a mensagem que, devido a sua origem humilde e às altas qualidades morais, o orador está sujeito a constante perseguição:

se por algum motivo a gente fraquejar e achar que ele não vale, eles nos derrotarão” [...] E cá estamos nós, os mortais do Terceiro Mundo, dos países emergentes, tendo, de um lado, uma pequena minoria de políticos torcendo para dar tudo errado. [...] E, certamente, aquela parte da elite paulista ou do Paraná, que te convidava para fazer palestra todas as semanas para falar mal de alguns projetos, [...] E me lembro que eu disse para todos os empresários – possivelmente alguns nem acreditaram porque diziam: ‘esse Lula vai tomar posse e o Brasil vai entrar numa bancarrota. Ele não fala nem inglês, como é que quer governar o nosso país?’ (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA)

O discurso é articulado semanticamente de forma a afirmar a “universalização abstrata” negando as diferenças e afirmando uma verdade superior. Afrontar o estado, sujeito-operador, é afrontar a Nação, concebida como um querer único e homogêneo e, portanto, os opositoristas não fazem parte da Nação, “pois têm um outro querer/ser. Não é, assim, povo, mas anti-povo” (FIORIN, 1989). Podemos perceber que foram atribuições do orador (O Eu) e as intenções, preconceitos e opiniões da oposição (Eles).

Portanto, existem dois percursos em que o orador define os termos do discurso. O que ele diz e o que ele diz que “eles” vão dizer. Uma só voz criando a ilusão de voz da oposição e a resposta dada. Um diálogo em que só há um debatedor.

O expediente da liberação emocional também faz parte do arsenal de muitos políticos, independentemente da matriz ideológica que sigam. Na verdade, ela é tão mais eficaz quanto mais o orador conseguir aparentar a espontaneidade não simulada. Há, sim, explicitamente um grande apelo à liberação emocional nos trechos acima, e eles também entram no cálculo do orador para influenciar o auditório, pois é ele o elemento principal na criação de tal disposição psicológica que cria o *link*, o laço e a troca entre o *ethos* e o *pathos*.

Carone (2002, 204), comentando sobre os estudos de Adorno, sobre o padrão de propaganda do pastor Thomas, percebe claramente que não estava em questão a relevância lógica das afirmações, mas sim seus componentes emocionais. Segundo ela: “Na verdade, essa falta de objetividade ou de lógica obedeceu ao primado do subjetivo sobre o objetivo; ele

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

queria mobilizar a sua audiência, isto é, os temores, os rancores, os ressentimentos e os sentimentos de desamparo na vida social”.

Emocionar-se e pedir aos outros que façam o mesmo é um sinal de humanidade, bem ao gosto dos brasileiros. Em paralelo com o que fazia o Pastor Thomas, objeto de estudo de Adorno, também o orador, em nosso caso, para conseguir a liberação emocional, usava a técnica de contar uma pequena história comovente:

Eu, lamentavelmente, esqueci, senão deveria ter trazido. Uma menina, quando eu desci do palanque, chorando ela me disse que tinha um problema muito sério aqui em Dourados – ela cursava, acho que Medicina, ou estava terminando, ou estava no primeiro ano de Medicina – e era preciso que a gente cuidasse de trazer para cá melhorias da universidade federal para o curso de Medicina. Eu lembro que entreguei ao Tarso Genro, que era ministro da Educação já, na época, foi no finalzinho de 2003 para 2004, entreguei para o Tarso Genro... o nosso companheiro Fernando Haddad era secretário executivo do ministro Tarso Genro, e eles, então, levaram a sério o pedido da menina, e nós hoje estamos aqui para inaugurar uma série de obras na Universidade Federal da Grande Dourados. Então, eu não sei, não sei se essa menina está por aí, se essa menina já se formou – deve ter se formado –, se ela lembra dessa história, mas tudo aconteceu por causa de uma menina chorona que queria estudar, e parece que estava em greve, aqui, a Universidade há muito tempo. É uma dessas confusões que de vez em quando acontecem nas universidades brasileiras (Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração simultânea das novas instalações da unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e do campus Ponta Porã da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Dourados-MS, 24 de agosto de 2010).

Considerais finais

Os artificios discursivos aqui abordados em conjunto e nas mãos de um hábil orador, que sabe como tomar o pulso do auditório a cada assertiva, são partes de uma estratégia geral de propaganda chamada de “O pequeno grande homem” ou o “tocador de tambor” e exposta por Adorno, Horkheimer, Iray Carone. Segundo essa ideia defendida pelos teóricos mencionados, o orador faz-se o homem comum, igual a todos, que sofre sente e se emociona. Ao mesmo tempo em que é igual, no entanto, é especial, pois a ele foi dada a tarefa de levar

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

adiante as esperanças do homem comum. Ao contar sempre sua vida ao auditório, cria a proximidade, pois:

O agitador que deseja que os seus seguidores com ele se identifiquem se apresenta não apenas como um superior, como o homem forte, mas simultaneamente como o oposto disto. Ele é tão fraco quanto eles; ele é alguém que precisa de redenção mais do que aqueles que redime; em suma, é um filho sujeito à autoridade paternal, dele dependente e a serviço de algo muito superior a ele próprio [...] uma coletividade cujo poder supostamente dá uma compensação psicológica para a fraqueza de cada um em particular (ADORNO, 1975, 27).

Em tempos em que a retórica publicitária faz dos políticos produtos a serem comercializados e consumidos, somente a retórica do discurso pode humanizar de novo as relações políticas, ao mostrar que a linguagem que o político às vezes usa, até mesmo inconscientemente, pode ter outros fins que não o aperfeiçoamento democrático. Cremos que este perigo foi exposto e talvez o mesmo estudo, feito com outros oradores, mostrasse que o discurso autoritário está mais entranhado em nossa sociedade do que podemos perceber no dia a dia.

O que nos moveu foi a aproximação das mentalidades desenvolvidas pelo movimento do Romantismo em nossas terras e o seu possível resquício, ainda presente nos endereçamentos presidenciais de hoje, particularmente em Lula, que foi o mais populista dos presidentes brasileiros desde Getúlio Vargas. Os recursos retóricos, incansavelmente utilizados por Lula durante seus dois mandatos presidenciais, quais sejam, a aproximação de sua pessoa com a população carente por razão de seu passado pobre, a idéia do “inocente perseguido” por forças contrárias a sua origem humilde, a razão metonímica entre a sua imagem de homem comum e a certeza do sucesso contíguo dos mais humildes, entre outros, formam o que defendemos ser um arcabouço romântico afeito mais à forma do que ao conteúdo, mais à cúpula que ao alicerce.

Ainda mais preocupante que a heroicização do líder político é a constatação de que o paternalismo de suas palavras enternecedoras esconde o mesmo autoritarismo dos governos militares anteriores a Lula. Nada mais confortável que um líder, quase um pai, a nos acarinhar ao defender que “chegaremos lá”, exatamente como ele o fez um dia. Nada mais assustador

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

que descobrir que esse líder embute em seu endereçamento a nós, conjuntamente, a pergunta e a resposta. Pode existir diálogo sem acesso a uma delas?

Referências

ADORNO, Theodor. *A técnica Psicológica das palestras Radiofônicas de Martin Luther Thomas*, 1943. <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno21.htm>

_____. *Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista. Artigo em colaboração com Max Hokheimer, 1951.* http://www.4shared.com/office/OdAHfYzo/adorno_theodor_-_a_teorias_freud.html

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do estado*. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989

ARENDT, Hannah, *Origens do totalitarismo*. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTOTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. A.P. de Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1971.

BANDEIRA, Manoel. *Noções de História das Literaturas*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1969.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

CANDIDO, A. *Formação da literatura Brasileira – Momentos Decisivos 1750-1880*. 11. ed. Rio de Janeiro, 2007.

CHAUÍ, Marilena *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

CARONE, Iray. Fascismo On The Air. Estudos Frankfurianos Sobre O Agitador Fascista. Campinas, *Revista Lua Nova*, nr. 55-56, 2002.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Edilene Gasparini. *A palavra do presidente – Análise dos discursos presidenciais de posse desde o Golpe Militar até Lula*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

- FIORIN, J. Luís. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/ Edusp, 1989
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. E. Cordeiro e A. Bento. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREIRE, GILBERTO. *Casa Grande e Senzala – Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal – 2004*, 49. Ed. São Paulo: Global Editora, 2004.
- FREUD, S. *O Mal-estar na Civilização*. In: *Obras completas de Sigmund Freud (23 v.)*, V.18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: *Obras completas de Sigmund Freud (23 v.)*, V.18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOMES, Laurentino. *1808. Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História do Brasil e Portugal*. São Paulo: Editora Planeta. 2008.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1998.
- _____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- MEYER, MICHEL. *A Retórica*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- ORLANDI, ENI P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2003.
- PRADO, Paulo. *Retrato Do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira – 1928. Versão para eBook da eBooksBrasil -Fonte digital; digitalização da 1a. edição em papel de 1928 Oficinas Gráficas Duprat-Mayença (Reunidas) - São Paulo.
- PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie O. *Tratado da argumentação – a Nova Retórica*. Trad. M.E.G.G.Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012

ISSN: 2176-5782

RICÚPERO, Bernardo, *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Revista USP – *Dossiê 500 anos de América*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991/1992.

Outras fontes:

Biblioteca da Presidência da República. <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/biblioteca>